

JORNAL DE GARVÃO

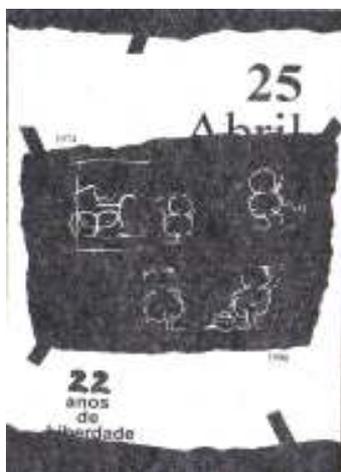
ASSOCIAÇÃO CULTURAL E DEFESA DO PATRIMÓNIO - GARVÃO

ANO: 2 Nº.4 MAIO/96 PERÍODICIDADE: TRIMESTRAL PREÇO: 100\$00



Exemplar da raça de vacas
Garvanesa

FEIRA DE GARVÃO 96
II EXPOSIÇÃO
AGRO-PECUÁRIA
9,10 E 11 de MAIO

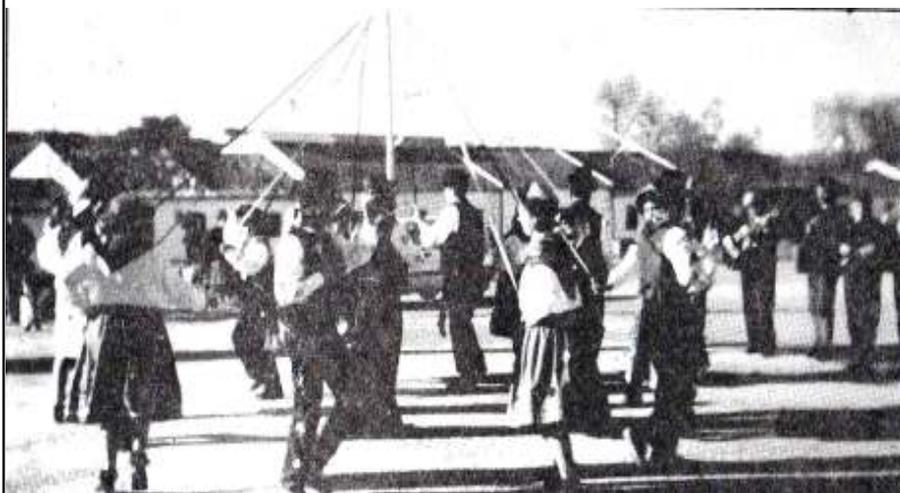


Cartaz comemorativo do 22º Aniversário do 25 de Abril, distribuído pela Junta de Freguesia de Garvão.

PORQUE É QUE A CÂMARA MUNICIPAL DE OURIQUE INVESTE FORTEMENTE NA FEIRA DE GARVÃO?
- NADA MELHOR QUE O PRÓPRIO PRESIDENTE DA CÂMARA PARA RESPONDER A TAL PERGUNTA.



José Raúl Santos,
Presidente da Câmara Municipal de Ourique



Inauguração do Grupo de Danças e Cantares Regionais de Garvão, dia 11 de Maio, integrado no Programa Cultural da Feira de Garvão.

Pela descentralização daquilo a que se convencionou chamar Cultura

Aquilo a que se convencionou chamar desenvolvimento sustentado passa por permitir às comunidades formas de subsistência económica e desenvolvimento socio-cultural. Mais do que trazer aos concelhos espectáculos e folclore de fora, as câmaras municipais devem apoiar as iniciativas locais, sejam individuais ou colectivas, e tomar tais actividades por sua conta quando tal não se verifique, de forma a incentivar essa iniciativa. Neste caso, e como os meios das autarquias são maiores, é natural que se exija melhor, mais do que animação em feriados e dias santos. Esperam-se medidas estruturais.

Infelizmente, salvo honrosas excepções, não é isto o que se tem verificado nas câmaras municipais do Baixo Alentejo: os cinemas e teatros caem por abandono, não há grupos teatrais, musicais ou de dança com origem local de mínima qualidade aceitável, não há museus dignos desse nome. Quase que diria que não houve até agora responsáveis pela Cultura dignos desse nome. Esperamos por mudanças, esperamos por ideias novas e esperamos por um contacto com as comunidades e junto às comunidades. A Cultura não pode ser centralizada em Beja, Évora, Ourique nem em lado nenhum.

Para além de desenvolvimento económico, para impedir a desertificação do Alentejo tem de ser dada às pessoas qualidade de vida. Para além das infra-estruturas básicas, têm de ser construídos ou, mais barato, readaptados espaços que permitam o desenvolvimento de actividades culturais. Não podemos esperar que alguém aqui venha apresentar filmes, peças teatrais, artes plásticas ou música de qualidade além da “tipo pimba” se não dispor de espaços convenientes e adequados para o fazer. E, mais importante, sem esses espaços as pessoas de cá, que aqui ainda residem, não podem aspirar a desenvolver esse tipo de actividades de forma séria. Mais do que trazer aos concelhos caros espectáculos que arruinem os parques orçamentos da Cultura, devem as autarquias apostar em dar condições que permitam às pessoas com talentos e aptidões desenvolver as suas formas de expressão artística e recreativa.

Por fim vemos o reanimar do associativismo local e do voluntarismo vocacionados para as áreas de defesa do património, defesa do ambiente, expressão artística, música e outras manifestações de uma cultura regional forte, muitas vezes apelidada de forma depreciativa como popular. Interessa reter que o objectivo é sempre o de melhorar um pouco vida de quem reside e fica nas comunidades rurais da nossa região. Deve-se apostar em incentivar esta manifestação de vida local, permitindo-lhe tornar-se mais interveniente. O tempo do Estado-protector, em que se vivia à sombra da Administração Estatal terminaram há muito, num mês de Abril.

Assistimos recentemente a mais uma generosa atribuição de subsídios às associações locais por parte da Câmara Municipal de Ourique. Não consideramos correcto, enquanto entidade financiada, pronunciar-mo-nos sobre os critérios de distribuição dos dinheiros. Diz-se que não se deve morder na mão que nos alimenta, e sabemos que a crítica pela crítica, quando não é construtiva e se comporta de forma arrogante, sai muito caro.

Regionalização

É a palavra mágica de todos os dias. Todos falam do tema e a todo o momento se ouvem opiniões a favor ou contra, mas pouco se diz sobre o que significa ou em que consiste. Ao trazer para aqui o tema, não pretendo pronunciar-me a favor nem a contra. Há poucos dias reuniram em Fátima os nossos bispos para debaterem o problema. Após o encontro, o porta-voz do Episcopado, D. João Alves, Bispo de Coimbra, disse que a regionalização é um problema “ muito sério “, e deve merecer, por isso, “muita serenidade e muita ponderação para que a harmonia de séculos que houve no país não seja prejudicada”. Mas as pessoas devem poder dizer, acrescentou, o que referem em relação ao tema. A decisão não pode nem deve ser unicamente dos políticos, mas do povo Português. Há quem veja enormes vantagens, pelo facto de se poder dar uma maior atenção a certas regiões isoladas e esquecidas. E quem veja o contrário, criar divisões no País, permitindo a algumas regiões mais favorecidas um maior desenvolvimento em detrimento de outras que continuarão a ver as distâncias a acentuarem-se.

Na vizinha Espanha o fenómeno já aconteceu e talvez seja cedo para tirar conclusões ou dividendos. Além disso, em Espanha, há regiões maiores do que Portugal inteiro. Geralmente essas regiões têm traços de profundas diferenças históricas, étnicas, culturais e até linguísticas. Comparemos, por exemplo, uma Galiza com uma Catalunha ou com um País Basco. Para além das distâncias há os outros fenómenos atrás referidos. Não é essa a realidade Portuguesa, onde as diferenças são muito menos acentuadas e profundas. E se existem grandes diferenças, estas são políticas e não são determinantes. Daí, a interrogação: regionalizar o quê? Criar zonas administrativas só por criar? Dividir para acentuar realidades políticas? Criar novos funcionalismos, para não dizer «tachos»? E quem vai pagar tudo isso?

Não pretendo tomar posição nem a favor nem contra, apenas provocar algumas interrogações e reflexões que podem ajudar a entender a questão. E voltando ao problema levado pelo nosso Episcopado, porque se trata de uma decisão muito séria, parece-me fundamental, primeiramente informar bem as pessoas em que consiste a «nossa regionalização» e depois auscultar, ouvir, deixar ao povo de decidir.

Do ponto de vista religioso não me parece haver consequências imediatas. Ao longo da nossa história a divisão política nunca coincidiu totalmente com a religiosa. Não se trata, pois, dum problema religioso. Trata-se essencialmente dum problema administrativo e político com consequências económicas imprevisíveis, podendo inclusivamente por em causa a unidade do País.

É, pois, urgente que nos informem e nos expliquem o que é a **REGIONALIZAÇÃO** em que consiste e quais as vantagens que dela que dela podem advir para os portugueses. E então, só então o povo poderá decidir.

Padre António M. Pereira

escola de condução especial

OURIQUE

**LIGEIROS
PESADOS
MOTA
PESADOS COM REBOQUE
PESADOS DE PASSAGEIROS**

**TRATA DE TODA
A DOCUMENTAÇÃO**

Telef. 086 - 5 22 36 - Fax 086 - 5 22 36 Telemóvel 0931 - 22 43 88
Rua Bafalha de Ourique, 40 7870 OURIQUE

Tiragem: 1000 Exemplares
TIPOGRAFIA: BejaGráfica
Beja

Colaboradores: José Pereira Malveiro; Nuno Vargas; Carlos Faustino; Jorge Paulo; Carolina Grilo; Reinaldo Soares; Natália Pereira; Paulo Firmino; Fernando Soares; Pedro Faustino; Luis Rosa; Carlos Filipe; Marcelo Soares



ENCONTRO COM OS IDOSOS

Noticias sobre o Curso de Ajudantes de Geriatria, actualmente a decorrer em Garvão

Portugal, na sua Constituição da República (artigo 72º), confere às pessoas idosas: “ o direito à segurança económica e a condições de habitação e convívio familiar e comunitário que evitem e superem o isolamento e a marginalização social”... “ a política de terceira idade engloba medidas de carácter económico e social e cultural, tendentes a proporcionar às pessoas idosas oportunidades de realização pessoal, através de uma participação activa na vida da comunidade”.

Assim, os mais velhos devem ser encorajados a melhorar o nível de auto-estima, estimulando o interesse por si mesmos e desenvolvendo o prazer que a vida proporciona.

O apreço merecido, perante todos os esforços nesse sentido, é sublinhado através da aproximação que a Associação de Defesa do Património de Garvão pretende desenvolver, fomentando a criação do Centro de Dia e do Apoio Domiciliário.

O importante é compreender que a velhice não trata apenas do terminus da vida. É fundamental, que desde o início, através da educação, as crianças e os jovens

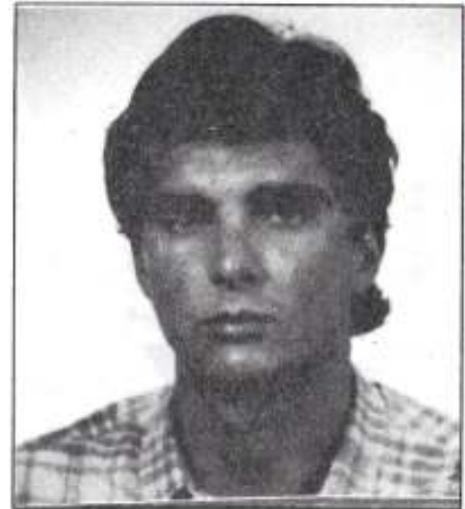
desenvolvam atitudes positivas perante o facto de se estar vivo, e descubram interesses e modos de os preservar. Contudo, nos nossos

dias, a dificuldade de aceitar o envelhecimento e a velhice é ponto assente. Encontrar as formas de integração harmoniosa dos idosos na malha social dos jovens e adultos, poderá ser um passo fundamental na construção de uma nova sociedade.

O equilíbrio entre as gerações, a sensibilidade aos problemas de cada uma, devem nesta ordem, permitir recuperar o direito, não só de ser velho, mas também de ser jovem, adulto ou criança, com direito a um espaço na sociedade.

É com esta filosofia empreendedora que o curso de Ajudantes de Geriatria decorre, procurando fazer passar a ideia para a comunidade em geral, de que as instituições públicas ou privadas, devem unir esforços para resolver as problemáticas inerentes às classes mais vulneráveis da

encontrar respostas através da formação, que satisficam as necessidades que afectam estas classes. A formação nesta área que está a ser dada em Garvão, conta actualmente com 15 formandas, que têm



Dr. António José Esperança Matias

Formador do Curso de Ajudantes de Geriatria

90 idosos com pré-inscrição para o referido centro, dos quais, cerca de 50 são utentes do Apoio Domiciliário assegurado pelo grupo de formandas. Este apoio, consiste essencialmente na permanência



Formandas do Curso de Geriatria

sociedade, nomeadamente os idosos e os desempregados.

A Formação Profissional, assume neste caso, uma dupla importância, tentando

que venham a ser desenvolvidas pelo futuro Centro de Dia de Garvão.

Quanto à sua participação, nesta fase experimental, contamos com cerca de

um trabalho experimental de Apoio Domiciliário. Através de um levantamento já efectuado, podemos afirmar a receptividade de um número de idosos, para participar nas actividades das pessoas idosas no seu domicílio, implicando isto, um largo programa de serviços, destinados a facilitar e a melhorar as suas condições de existência. Queriam ainda referir que o auxilio ao domicílio, permitindo aos idosos continuar na sua habitação autónoma, retardando, por conseguinte, ou mesmo evitando a sua transferência para outro género de alojamento ou instituições, é unanimemente reconhecido como boa solução. A transferência das pessoas idosas para lares, residencias colectivas ou outras instituições, só deverá ser feita a partir do momento em que o seu estado físico e psíquico as impeça de viver independentemente.

TELEMÓVEL 093 640 87 81

Agência Funerária Guerreiro
Élio Pires Guerreiro

SEDE: Largo da Palmeira
Telef. 95 285 (23) / 175
GARVÃO - 3078 Ourique

FILIAL: Rua Batalha de Ourique
Telef. 32 941
3078 OURIQUE

FARMÁCIA CALADO
Cessionária e Directora Técnica:
Dr.^ª Maria Helena Amaral

- Homeopatia
- Fitoterapia
- Fitocosmética

Horário: Disponibilidade Permanente
Novas Instalações: Rua do Álamo, 11 Garvão
☎ (086) 55 442

CAFÉ "BEIRA LINHA"
DE: ABÍLIO CORREIA

- Serviço de café
- Petiscos
- Marisco



A VERDADE ETNO-MUSICAL

CANTARES DO BALDÃO E VIOLAS CAMPANIÇAS DIA 9 DE MAIO,
NA FEIRA DE GARVÃO

Colaço Guerreiro

Durante anos veiculou-se e interiorizou-se que a moda, o canto às vozes, era a única expressão etnomusical das gentes desta terra.

Com efeito, assim parecia ser. Salvo uma situação ou outra onde havia referências longínquas à utilização do adufe para acompanhar cantares de romarias, circunscritas ao período festivo dos Santos, sómente os corais permaneciam como dando de exclusiva verdade, que a gente sentia e fazia perpetuar animando os grupos.

Porém, por detrás do esquecimento, escondia-se outra verdade, tão abrangente e profunda como a primeira, quiçá mais remota, igualmente forte, e arrebatadora dos sentimentos e da alma Alentejana.

O silêncio mantido durante umas décadas, ditava a ignorância e nós e quase todos, desconhecíamos a viola Campaniça.

Bastou, todavia, o primeiro contacto, o bafejar daqueloutra realidade, o ouvir dos primeiros trinados para que nós tivéssemos rendido, de imediato, à fabulosa magia do toque e à inexplicável envolvência do cante, diferente, distante, atávico, velha sedimentação de saberes e padeceres.

Com Manuel Bento, Francisco

António e Perpetua Maria pareceu-nos termos vencido o tempo, acreditámos ter enganado o destino e julgávamos haver já garantido o futuro para parte do nosso passado.

Com a vontade inquebrantável de passar o testemunho aos vindouros, os mestres não olhavam aos incómodos nem ligavam aos maus jeitos. No âmbito da Cortiçol, que desde logo entendeu e acarinhou tal projecto, largámos o sonho ao vento e partimos sem rumo divulgando a viola Campaniça.

Enquanto conseguimos montar o desejo, quebrado o esquecimento que o destino impunha, as violas tocarem de novo, insensatamente, sem estorvos porque receámos que a duração pudesse não ser longa.

Levámos os seus toques ao Canadá, aos Açores, ao norte, ao centro e ao Sul deste País. Ficaram na memória os concertos dados no teatro Carlos Alberto no Porto e no grande auditório da fundação Colouste Gulbenkian em Lisboa.

Todavia e por agora, o destino leva de novo a melhor e nem Manuel Bento toca, nem Perpetua Maria canta.

Mas como um eco, a geração presente há-de continuar a ouvir as suas vozes e depois o futuro há-de ser o que quisermos que

ela seja porque já não se afirma, não se defende, nem a afiança que a nossa cultura etnomusical e circunscreve ao canto chão.

Paralelamente, a in- a pulsante, agora com um vigor crescente, t e m o s também o despique e baldão, o u t r o s cantes com v i o l a Campaniça acompanhada, n o v o s tocadores surgiram, fazendo acreditar que a gente

não se desprende facilmente das raízes, porque por mais voltas que nos queiram dar, vivemos de referências, carecemos de nos

afirmar como povo, somos amantes, ainda que inconscientes, da nossa cultura.



Viola tradicional campaniça, de fabrico artesanal na região



ANTERO VIEGAS
Programador

Rua D. Afonso Henriques, 22 - Sala A
2715 PERO PINHEIRO - Tel./Fax: 967 18 39 / 967 26 08
Telemóvel: 0676 355575



INAUGURAÇÃO DO GRUPO DE DANÇAS E CANTARES REGIONAIS.

Iniciativa desta Associação e fruto da Escola de Música

PARALELISMOS CULTURAIS

O que define um povo ou uma nação, para além dos traços comuns mais visíveis, Língua, fisionomia, religião, etc., é também a sua cultura que embora varie de região para região, apresenta traços comuns, vem isto a propósito da Dança de Marmelar. Foi com um certo entusiasmo, que nos apercebemos que relativamente longe de Garvão, um grupo de mulheres, resolveu recuperar a antiga Danças típica daquela região, ao mesmo tempo que em Garvão a Associação de Defesa do Património,

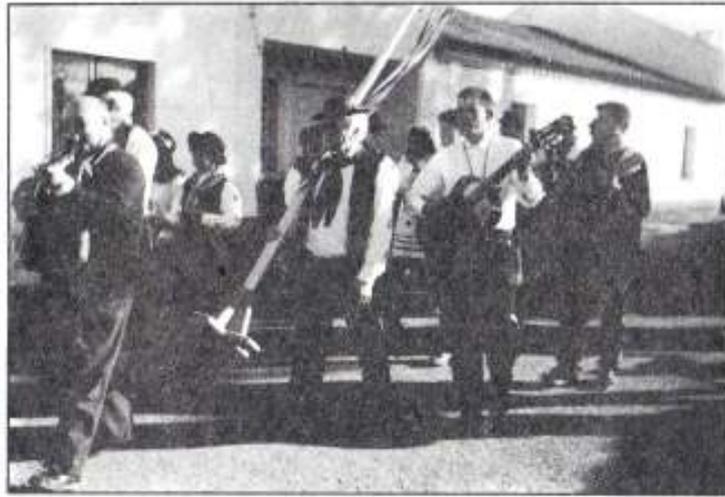
Vila Nova de Mil Fontes e o Rancho Folclórico da Boavista, acederam a vir á Feira de Garvão, o que esta Associação Pretende, mais do que um revivalismo pagão, em termos de rituais de fertilidade, geralmente celebrados pela primavera, desde os tempos pré-romanos, é precisamente fazer um encontro de danças regionais e tradicionais, que embora antigas se perdeu as suas origens, mas contudo continuam a ser dançadas e celebradas em épocas próprias, em vários países, com um grau de similaridade que foge a qualquer tentativa de as julgar como

n outros países da Europa, como em Elstow, Bedford, Inglaterra onde se realiza o festival de Maio, Northfleet, Kent, ou em Staford-on-Avon, Warwickshire, também em Inglaterra, dança dos Mastro ou dos Arcos como em Bayonne, França, ou em Villafranca, Espanha, seria longa a lista de países Europeus onde as danças são praticamente iguais, senão

como julgar o grau de semilidade entre os pauliteiros de Miranda, que tocam gaita de foles e usam saias, com os Escoceses que também tocam gaita de foles e também usam saias, será pura coincidência, será também pura coincidência a tradição dolmenica que se encontra espalhada por toda a Europa, são raízes culturais comuns que sobreviveram até aos nossos dias.

Mais do que um encontro de ranchos folclóricos e grupos corais o que esta Associação pretendia era realizar um encontro de ranchos folclóricos Alentejanos onde realçasse os tais paralelismos culturais, mas que por motivos de organização teve-

se que juntar os grupos corais simultaneamente, contudo fica no ar o que seria de enorme importância futuramente realizar os tais encontros de danças tradicionais em que se realce o tal paralelismo cultural com outras danças da região, e porque não do resto do país ou porque não um festival de danças internacional pré-Romanas, ou pagãs, a realizar pela feira de Garvão, no mês de Maio, mês da Primavera, da fertilidade da vida em que os povos mais antigos celebravam a sua chegada o desabrochar de um novo ciclo de vida, com danças e cantares próprios.



Grupo de Danças de Garvão, em exibição pelo Carnaval

recuperava também as antigas danças desta zona e preparando a sua apresentação formal pela Feira de Garvão 96.

Assim foi com uma certa satisfação que o grupo de Danças de Marmelar, rancho Folclórico Verdes Campos de Jungeiros, Rancho Folclórico de

simples coincidência, festivais pagãs ou não, rituais pré-romanos ou não, o certo é que em muitos casos só se vai encontrar raízes culturais comuns ao período pré-romano, senão como julgar as danças como as de Garvão e Marmelar, e outras tipicamente iguais que se dançam

À
Associação Cultural de Defesa do
Património de Garvão

Agradecemos todo o vosso entusiasmo nestas danças e a atenção que tiveram connosco.

O grupo de danças tradicionais de Marmelar surgiu ocasionalmente este ano de 1996 em resultado de uma proposta da comissão de mulheres desta povoação para que fossem recuperadas as tradições que são as raízes da cultura deste povo.

Alguns homens e mulheres disponibilizaram-se e entusiasticamente formaram o grupo que agora irá a Garvão.

Não podemos garantir a manutenção deste "grupo" por razões que também se prendem com a situação que vivemos no Alentejo, onde continuamos a ser obrigados a emigrar e trabalhar longe de casa por falta de condições para vivermos nas nossas terras.

Sem outro assunto, somos de V.Ex.a. muito agradecidos.

P'la comissão de Mulheres
Joaquina Teresa Teles Graça

CAFÉ CENTRAL

MANUEL BÁRBARA DOS REIS

Servem-se almoços, jantares e dormidas

Largo da Amoreira Telef. 086-55113

Garvão

ORANGOTANGO COM. GERAL, LDA.

PRONTO A VESTIR - SAPATARIA
HOMEM / SENHORA / CRIANÇA

☎ 086 - 5512

Largo da Palmeira, 10

7670 GARVÃO

Super-Mercado "CROCODILO"

DE

Maria Manuela V. Condoto F. Martins

Rua 25 de Abril

Telef. 55287

Garvão



FEIRA DE GARVÃO 96

Num investimento deste género é imprescindível o apoio autárquico, que se reveste de varias maneiras.

Seria lógico inquerirmos junto do responsável autárquico, o Presidente da Câmara Municipal de Ourique, sobre os motivos de tal empenho e apoio para que a Feira de Garvão seja cada vez melhor.

Porque apoia a Câmara Municipal de Ourique a Feira de Garvão?

A Câmara Municipal de Ourique apoia a Feira de Garvão, porque concorda com os princípios que a Comissão Organizadora definiu e porque entende que ela constitui um valor histórico muito importante e que urge defender. Quando no ano passado, um grupo de pessoas do Concelho, apresentou à autarquia um projecto, que tinha como objectivo, ajudar a reviver a Feira Tradicional de Garvão, apoiámo-lo desde o primeiro ao último minuto, com a intenção fundamental de não nos sobrepormos a ninguém, mas no sentido de colaborar com todos e assim contribuir para que a feira não morresse.

Porque investe?

Exactamente pelas razões que anteriormente referi. É preciso não esquecer que esta feira era um dos acontecimentos mais importantes do Concelho de Ourique e até da nossa região. Se ouvirmos com atenção o que dizem as pessoas mais antigas, podemos concluir que isto é verdade. O enfraquecimento da feira, de ano para ano, ficou a dever-se ao facto de os tempos de hoje serem diferentes dos de antigamente e é preciso perceber essas diferenças e adaptar-mo-nos aos novos tempos, sem esquecer a tradição, a cultura e a vida dos povos. A Exposição Agropecuária, segundo os seus organizadores, pretende enriquecer a Feira Tradicional, ajudar a que ela reavive e, por isso, tem o nosso inequívoco apoio.

Contrapartidas?

A única e melhor contrapartida que a Câmara pode esperar é a de que a Feira volte a ter a importância social, económica e cultural que já teve noutros tempos. Isso será sinonimo de que agrada às pessoas e que todos têm interesse na sua organização.

O que é que a Feira de Garvão significa para um Presidente de

Câmara e quais as responsabilidades que implica?

A Feira, como já disse anteriormente, é uma grande oportunidade de dar a conhecer o que se faz em Garvão, em particular, e no Concelho de Ourique, de uma forma geral. No entanto, alerta para as mudanças da forma de vida actual, o que quer dizer

semana e só ao Sábado e Domingo poderão vir à Feira.

Pensem bem nisso, sem nunca retirar os dias 9 e 10, porque são uma tradição que deve ser respeitada, parece-me que era importante aproveitar o fim de semana anterior ou a seguir, para dar a conhecer a Feira, ao maior número, possível, de pessoas.



que as pessoas, hoje, com os seus Empregos já não se podem deslocar com a mesma facilidade com que o faziam antigamente e, por isso, é preciso pensar seriamente sobre o assunto. Mas esse é um problema que cabe à população resolver e se for necessário a Câmara dará a sua colaboração. A Comissão Organizadora já este ano aumentou, à data da Feira, o dia de Sábado, o que me parece uma medida inteligente, pois vai permitir a presença de pessoas de outros concelhos e até a vinda de naturais de Garvão, que trabalham durante a

Contudo, não é só na Feira de Garvão que a Câmara está a apostar fortemente?

Claro que não. A Feira está entre um conjunto de Iniciativas que a Câmara está a desenvolver. Se as pessoas quiserem reconhecer a verdade, verão que este executivo tem feito muitas coisas, algumas delas na freguesia de Garvão e que muitas outras vamos continuar a fazer. Repare-se na electrificação rural, que desde o Monte Zuzarte, ao Monte Chaves, Monte Major e muitos outros, já

dispõem de electricidade e que era uma promessa de todos os Presidentes de Câmara e nenhum realizou.

Não se esqueçam do número de pessoas, que através dos POC's ocupamos durante cerca de 9 meses, e que só foi possível porque a Câmara apresentou os projectos e pagava cerca de 500 contos, por mês, só nos seguros dessas pessoas.

Talvez seja bom lembrar o apoio que tem os dados às Associações culturais e Desportivas de Garvão e do Concelho. A Associação de Defesa do Património, a Associação Cultural, Desportiva e Recreio da Casa do Povo, os dois Grupos Corais, o grupo Malta Jovem, a Comissão de Festas, enfim todas as forças culturais e desportivas.

A realização dos Jogos de Verão 94, em Garvão, os espectáculos aqui realizados e integrados nas Comemorações do 25 de Abril e noutras comemorações, o apoio à Escola Primária, ao Jardim de Infância e ao Ensino Mediatizado, são também obra deste executivo.

Estamos a concretizar um velho sonho das pessoas que era uma rua que ligasse a Sardoia ao cemitério, sem passar pela estrada. Arranjámos muitos caminhos na freguesia, construímos o pontão da Funcheira, ajudámos a construir a Casa Mortuária e fizemos algumas obras no Bairro Novo. Se não tiverem a memória curta, concertada que vão reconhecer todo este trabalho e outro que não referi e já realizamos.

Mas apesar de tudo vamos continuar a trabalhar para que toda a gente, mesmo sabendo que há alguns, que nunca fizeram nada mais a não ser criticar aquilo que fazemos.

E o Centro de Dia? Avança ou não?

Claro que sim. O projecto já está concluído e vai ser apresentado à população, na Presidência Aberta que se vai realizar aqui em Garvão, brevemente. Não gostava de me debruçar mais sobre o assunto agora, uma vez que teremos oportunidade de o fazer nessa altura.



O BOVINO GARVANÊS

Os bovinos Garvaneses, hoje considerados como uma estirpe ou variedade da raça Alentejana, são animais autóctones com o solar de origem na fronteira entre os concelhos de Ourique e Odemira.

No passado constituíam núcleos importantes tanto no interior alentejano como no litoral, com uma área de distribuição que se estendia pelos concelhos de Sines, Grândola, Santiago do Cacem, Odemira, Ourique e Castro Verde, em afectivos integrados no tradicional sistema extensivo de produção pecuária.

Designação destes animais deve-se à sua grande afluência à feira de Garvão, no conselho de Ourique, encontrando-se referenciados em algumas publicações antigas o caso do Eng. Sommer de Andrade que, no seu livro "Raça Bovina Transtagana", cita Bernardo Lima que, em 1870 descrevia os animais Garvaneses como uma "população vacum bastante heterogénea que ocupa a bacia do rio Mira (...) com uma pelagem de cor entre o flavo e castanho, e em bastantes rezes um tanto torrado ou atijado sendo também para notar a cabeça fusca principalmente sobre o focinho..."

Fruto do abandono a que foram votados, a caracterização genética e morfológicas destes animais é deficiente. Ainda de acordo com Eng. Sommer de Andrade, a estirpe Garvanesa é uma transição entre uma variedade da sub-raça alentejana e a variedade serrana

da sub-raça algarvia.

São animais bem adaptados às condições da região de onde são originários, mais pequenos que os bovinos Alentejanos, cuja característica mais distintiva é a pigmentação escura da cabeça, da cauda e das extremidades dos membros.

Nos machos esta coloração escura entende-se também pelo pescoço e pelas espáduas.

No passado, estes bovinos não possuíam qualquer especialização produtiva, pelo que eram utilizados para a obtenção de crias, sendo preferidos na região pelas suas excelente capacidade de trabalho.

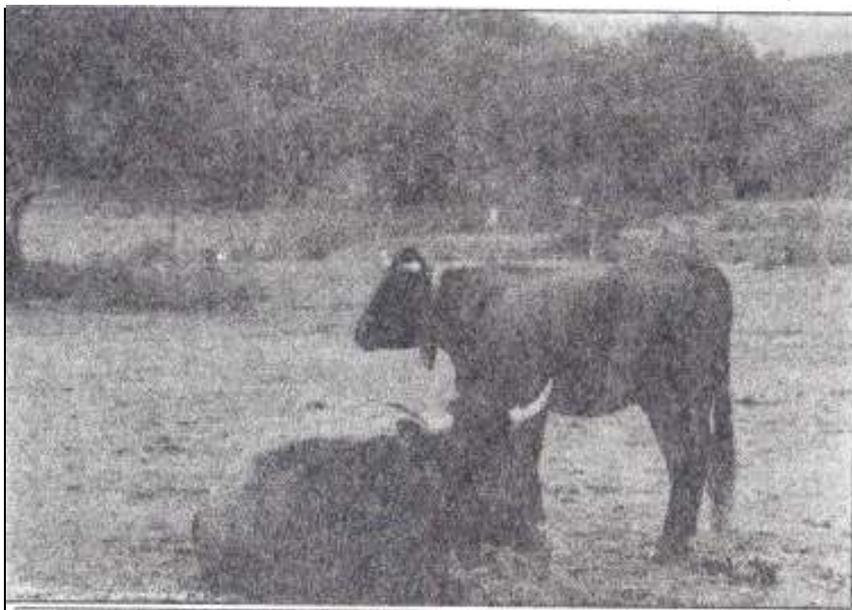
A estirpe Garvanesa encontra-se em vias de extinção. Com efeito, esta variedade da raça alentejana

desapareceu dos registos oficiais há cerca de 10 anos e, o que é pior, deixou de ter lugar nos efectivos bovinos da região, resultado da sua substituição por outras raças ou de cruzamentos indiscriminados. No âmbito do "Projecto de recuperação e Manutenção da raça bovina alentejana, estirpe Garvanesa", o parque natural do sudoeste alentejano e costa vicentina "pnsacv", realizou no 2º semestre de 1994 um levantamento dos efectivos Garvaneses existentes nos concelhos de Odemira, Ourique

e parte do concelho de Santiago do Cacem.

Como resultado, foram localizados cerca de 80 animais de linha pura, dos quais apenas um era macho. As fêmeas existentes tinham, na sua maior parte, idades superiores a 8 anos e encontravam-se muito

animais Garvaneses incluía o único macho adulto existente na altura. Todos os animais deste núcleo eram aparentados, com uma consanguinidade elevada entre si. As fêmeas eram utilizadas em parte para a obtenção de animais cruzados e outra parte para obtenção de



Exemplar de vaca Garvanesa

dispersas pelos afectivos bovinos da região, sendo utilizadas apenas para a obtenção de animais cruzados. Do levantamento efectuado, verificaram-se, no entanto, 2 excepções à situação descrita anteriormente: uma vacada com um núcleo de 36 fêmeas Garvanesas de linha pura, situada em Santana da Serra, concelho de Ourique; uma outra com 15 fêmeas também de linha pura, situada no Cercal do Alentejo, concelho de Santiago do Cacem.

No primeiro caso, o núcleo de

animais de linha pura para substituição dos efectivos.

No segundo caso, o núcleo de animais Galvanizes era constituído exclusivamente por fêmeas utilizadas apenas para a obtenção de animais cruzados.

Trabalho elaborado pelos seguintes elementos do P.N.S.A.C.V.

- Carlos Alves - Técnico
- Armando Almeida - Técnico
- José Batista - Técnico
- Paulo Cabrita - Funcionário

LINDAMIRA D. DE BRITO CARVALHO

Comerciante de farinhas,
frutas e seus derivados

Contribuinte n.º 808 922 688

Telef.: (086) 55 371 7670 - Garvão

CAFÉ SNACK-BAR

"PRIMAVERA"

De Adélia Assunção Amaro Vera

Cont. N.º 814 801 269

Rua do Álamo

Telef. 55 157

GARVÃO - OURIQUE

ADILIA PEREIRA COELHO

DROGARIA

Tintas das melhores marcas
Ferragens e artigos eléctricos

Rua do Álamo n.º 12



ARQUEOLOGIA EM GARVÃO

PERSPECTIVAS, ALTERNATIVAS, PROPOSTAS.

Jorge Vilhena, Arqueólogo

Consta nos estatutos desta Associação como sendo um dos seus objectivos a dinamização da investigação arqueológica em Garvão. Consideramos este objectivo parcialmente atingido ao reiniciar, após cinco anos de pausa, as escavações no Cerro da Vila, fronteiro à Igreja Matriz da vila. A iniciativa desta associação foi acolhida e apoiada, porque sozinho ninguém faz muito, pelas entidades tutelares como o Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Câmara Municipal e Instituto Português da Juventude (esta última como entidade financiadora).

Mas não só a escavar se faz Arqueologia. Se é crucial conhecer os vestígios de um longo passado de que Garvão se deve orgulhar de possuir, fica depois a questão do que fazer com os sítios escavados. Primeiro protege-los. Protege-los da incúria e do abandono, protege-los sobretudo da indiferença.

Acção Local

É essencial cativar a população, mostrar o que lhe foi legado dos seus antepassados, de forma a que queira ela ser a primeira a respeitar e defender aquilo que é, mais do que um património de potencial rentabilidade turística, uma herança cultural de que não se pode demitir enquanto desejar manter a sua identidade como uma comunidade viva. Porque o que Garvão é hoje, o que tem de bom e de mau, resulta de uma vivência de mais de vinte séculos como uma comunidade. Desde a escolha do sítio da vila aos traços físicos das pessoas, desde a língua e pronúncia, os sentimentos que as vozes cantam, até à forma como se relacionam entre si, tudo foi moldado na imensa amálgama de povos, línguas e religiões que por aqui passaram e naturalmente deixaram uma contribuição.

Desses tempos mais ou

menos recuados apenas ficou de físico o que a distância do tempo não pode destruir mas escondeu abaixo do chão que se pisa. Exumados por

momento de um espaço próprio situado no edifício do antigo Paços do Concelho, suficiente para albergar a maior parte do espólio aqui

de terreno.

Património

A reforçar esta proposta,



escavação dos sítios onde serviram e foram abandonados por alguém, os objectos do quotidiano de outras vidas podem ainda ter a utilidade de informar um pouco sobre a forma de viver do seu tempo. Num espaço como um museu, de forma a que possam ensinar um gosto pela história dos homens simples que viveram, como hoje, em Garvão.

Por um Museu

Mais do que os grandes museus centralizadores, desde os nacionais aos concelhios, é nos sítios e junto às comunidades que os materiais arqueológicos devem permanecer, se devidamente cuidados, e, naturalmente, depois de cientificamente estudados nas instituições (museus nacionais, centros de restauro, universidades) a quem tal tarefa é incumbida. Para que possam mostrar à comunidade um pouco do que ela foi no passado secular e informar o visitante sobre a sua história. Garvão dispõe neste

encontrado. Será naturalmente objectivo do IPPAR e da Câmara Municipal de Ourique rentabilizar esse espaço na função com que a sua reabilitação foi pensada, a de receber um Núcleo Museológico de Arqueologia.

Garvão tem potencialidades arqueológicas que justifiquem a constituição de uma equipa de arqueólogos e colaboradores a trabalhar em tempo parcial ligados ao Núcleo Museológico de Arqueologia, dirigindo escavações de forma contínua e sistemática, oferecendo aos materiais e estruturas exumadas um tratamento de conservação primário. Outras tarefas de vantagens enormes seriam a preparação de módulos de exposição desses materiais, acções de informação e sensibilização junto à comunidade e a divulgação no exterior, o registo de sítios e achados isolados e acções de prospecção

veja-se: sabe-se que na zona urbanizada da povoação temos um povoado fortificado desde a Idade do Ferro até ao Período Muçulmano no Cerro do Castelo, que se terá expandido desde o Depósito Votivo na encosta Sul até ao Cerro do Cemitério (antigamente chamado Cerro da Vila). Ao lado deste último, o Furadoiro deverá corresponder a uma mina (romana?) de extracção de minério escavada a céu aberto. Defronte encontramos a Igreja Matriz com o seu belo portal manuelino (sec.XVI), que seria acompanhada pela antiga Igreja do Espírito Santo. Entre as duas conhece-se uma necrópole baixo-medieval (já portuguesa) com o pormenor de oferecer algumas lápides de enterramentos judaicos. Do outro lado da ribeira de Garvão, junto à Casa do Povo foram parcialmente destruídos fornos metalúrgicos atribuídos à Idade do Ferro. Este conjunto indicia um grande povoado



situado entre as duas ribeiras envolventes, o Furadoiro e a junção das ribeiras, de antiga grande importância a nível regional, talvez a antiga cidade romana conhecida pelo nome de *Arandis*.

Fora da vila, mas sempre muito perto, encontramos monumentos megalíticos (as antas da Herdade do Arzil) atribuídas ao Neo/Calcolítico; necrópoles da Idade do Bronze e da Idade do Ferro que deverão corresponder a pequenos núcleos de povoamento próximos ainda não localizados. Na Herdade dos Franciscos foi investigada uma grande *villa* (grande casa agrícola centro de latifúndio) romana. Não esquecendo os sítios de interesse arquitectónico e etnológico.

Preocupações

Se é desejável que a Arqueologia e sobretudo o legado arqueológico deixe de ser um domínio exclusivo de especialistas e pretensos intelectuais iluminados, deve-se também agir com alguma tranquilidade. Será óptimo que o legado do passado possa ser gerido de forma a constituir um património com potencial rentabilidade económica, ligado, entre outras actividades, à exploração turística. Mas sempre com o objectivo primário de uma acção a nível interno para a divulgação dentro da comunidade, sobre a comunidade.

Por outro lado, a constituição de um Núcleo Museológico de Arqueologia, ligado a uma equipa de investigação de terreno e divulgação de resultados à generalidade da população e visitantes, deverá ser concebida a ter um funcionamento que lhe permita sobreviver a médio prazo, gerando sempre que possível os seus recursos humanos e financeiros. A "subsídio-dependência" é um mal de efeitos nefastos para uma região deprimida como o Alentejo; não é possível viver eternamente e

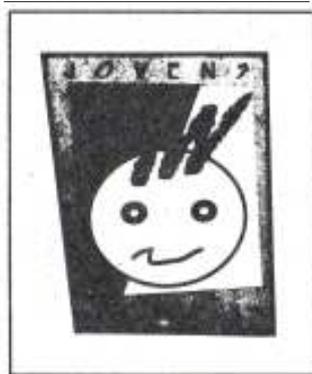
crescer de forma sã à custa do dinheiro que vem de fora.

As estratégias de aproveitamento do património do Alentejo não podem ser pensadas de forma precipitada, sob o risco de ter-mos mais um desastroso falso oásis como o pesadelo em que se transformou o Algarve no tempo do Sol-e-praia, desta vez baseada na dependência exclusiva do turismo cultural e rural.

Podem-nos apelar de profetas da desgraça, mas a última coisa que queremos ver são as pessoas de Garvão transformadas em exóticos indígenas do Alentejo profundo para as objectivas de caras máquinas fotográficas de ricos turistas citadinos transformados em Alentejanos de fim-de-semana, que vêm em potentes jipes e são orgulhosos donos de montes e terras improdutivas. O preço a pagar pela miragem de desenvolvimentos muito rápidos sai muito caro, muitas vezes custa a descaracterização dos modos de vida e a perda do orgulho da comunidade.

MOVIMENTO INTER-ASSOCIATIVO

Tem-se realizado nas instalações da Cortiçol/Rádio Castrense, em Castro Verde, reuniões quinzenais no sentido de criar uma estrutura que, conforme o nome indica, inter-associativa composta por várias associações dos concelhos de Castro Verde, Ourique, Aljustrel, Almodôvar e Mértola.



CRÉDITO À HABITAÇÃO
EM 48 HORAS



AS MAIS BAIXAS TAXAS DE JURO

AOS BALCÕES DA
Caixa de Crédito Agrícola Mútuo de Santiago do Cacém

80 Anos

MILA MARIA MESTRE MAIA MARTINS
CABELEIREIRA
CORTE, TRATAMENTO CAPILAR, DEPILAÇÃO
☎ 55201
Rua Nova - Garvão

Júlio Justino Nobre & Nobre, Lda.

**Motorizadas, Bicycletas e Acessórios - Oficina de Reparações - Tubo P.V.C.
Moto-Serra - Moto-Bombas - Bombas Eléctricas - Geradores Diesel - Rega gota a gota**

Telef. (086) 5 61 25 - Fax (086) 5 61 93

PANÓIAS - 7670 Ourique



PROSA E POESIA

Dando seguimento à nossa rubrica de prosa e poesia, apresentamos um conto da autoria do nosso colaborador Raúl F. Coentro, que tem vindo a colaborar com este jornal. Apresentamos também umas quadras do Sr. Joaquim Fiel e outras do nosso colaborador habitual Sr. Túlio Santos.

“SOLIDÃO”

Tanto a Alzira como o Fernando foram nados e criados na planura alentejana, cada qual em seu monte alvacento, à beira de um qualquer montado sonolento sob o tórrido sol dos meios-dias, ou envolvido pela húmida cacimba das noites mais frescas. O tempo, em nítido contraste com o monótono arrastar da vida da planície, levou-os rapidamente ao estado adulto, sem grandes detenções nos estágios de bebés, crianças ou jovens adolescentes, e cedo lhes deu maturação e racionalidade. As escolas longínquas estiveram sempre fora dos seus alcances e apenas a Vida lhes prodigalizou instrução necessária para a difícil arte da sobrevivência na imensidão hostil e agreste da campina.

Conheceram-se, provavelmente durante uma ceifa, juntaram os seus trapinhos e... casaram-se!

O Fernando, moço ávido e inquieto, pressentindo a existência de um outro mundo que não aquele em que sempre vivera, algum tempo após o casamento empregou-se como cantoneiro, função que veio, de certo modo, preencher o seu apetite de novos conhecimentos e os seus anseios de mudança: percorria as margens da estrada nacional, rasgando novos horizontes para além do pequeno universo que o viu nascer e, em cada dia que passava e em cada contacto com as pessoas de outros sítios e de outros meios, mais nítida se lhe apresentava a certeza de que a sua ignorância era imensurável...

A Alzira, por seu lado, ficou-se pelo monte, num isolamento conventual só esporadicamente alterado pela passagem de um solitário pastor, rapaz de falas mansas e olhar mortiço que, lá do largo, lhe dava vaia e se aproximava, então, para lhe pedir uma sede de água, vez por outra. Cuidando da lida da casa, tratando do bacorito e das galinhas, mondando e regando o pequeno horto, a mulher lá ia aguardando, em cada dia que passava, o regresso tardio do Fernando. As lonjuras eram imensas e o marido passava a maior parte do dia fora de casa, percorrendo as bermas, enquanto ela, rotineiramente, girava pelo monte, de tarefa em tarefa, beijada pelo sol escaldante que dardejava na planura e que, de vez em quando, incendiava a sua juventude, fervendo-lhe o sangue e arquejando-lhe o peito, levando-a a imaginar remotos mundos preñes de fadas milagreiras e de fantasiosas venturas...

À noitinha, quando o Fernando chegava, corria para ele, prendia-se-lhe ao pescoço, sussurrava-lhe ao ouvido a saudade que sentira durante o dia, lamentava a lentidão do tempo quando ele estava ausente, e buscava os seus afagos. O Fernando, porém, cansado da jornada, nem sempre atentava no fulgor das falas e das atitudes da mulher. E ela, suspirando desalentada e frustrada, deixava que o frio do desânimo invadisse o fantasioso mundo existente na sua mente e extinguísse o braseiro dos seus desejos. Não entendia a indiferença do marido perante os seus ardores exuberantemente revelados, e uma dúvida atroz, uma terrível suspeita, ia sulcando profundamente o âmago da sua alma: Haveria outra mulher na vida de Fernando? Ou seria que ele já não gostava dela? De dia para dia mais se acentuavam as suas dúvidas, tanto mais que o Fernando, alegando ter de ir mais além, estrada fora, lhe disse não poder regressar a casa uma ou outra noite. Carpindo o seu desgosto, com o peito cheio de angústia, deixou que acordasse dentro de si um sentimento de solidão e de abandono. E foi no vazio criado pela atitude descuidada do marido que começou a encher o espírito com a musicalidade das falas mansas do pastor... Foi no vácuo das abstrações de Fernando que se acendeu, com suave luminosidade, o olhar mortiço do jovem zagal... E foi num



dardejar de sol, numa fervura de sangue, num arquejo do peito, que desejou a hora em que o solitário pastor por ali passasse... Sabia que a sua ansiedade findaria logo que se rasgasse num sorriso para o taciturno guardador de rebanhos!... Já o sol ia alto quando, lá ao longe, para além do cerro, soaram as esquilas e os chocalhos do rebanho. Alzira retorceu as mãos no regaço enquanto o coração acelerava assustadoramente as suas batidas. Não tardaria a avistar a figura esguia do pastor no alto do outeiro e esta expectativa estabelecia o caos no seu corpo. Sentimentos controversos e antagónicos amalgamavam-se no seu espírito e, quando a silhueta difusa do pastor despontava já no horizonte do seu olhar, murmurou fervorosa prece evocando o regresso breve do marido para que, com o seu amor e carinho, a pudesse roubar definitivamente àquela horrível solidão...

R.F.Coentro

O homem mais velho de Garvão
Mora no bairro da Sardóia
Meu amigo António João
Nasceu de gente boa.

Tua Mãe dizia á minha Avó
Não demore muito a aparecer
Gosto de falar consigo só
Sinto nisto prazer .

Mais dez meses do que eu
Do seu amigo Joaquim Fiel
Andemos no mesmo liceu
Escrevemos no mesmo papel.

Ca vamos andando Amigo
Ca vamos a caminhar
Se tivermos algum castigo
Deus nos há-de perdoar.

Quando lá ia ao monte
Minha Avó tua mãe ia visitar
Imos beber a fonte
Depois de agente jantar.

Ca vamos esperando por ela
Um dia ela há-de vir
Entrará pela porta ó janela
A ela não podemos fugir.

Lá comíamos o bom almesse
Que tua Mãe nos dava
A conversa delas não aborrece
Na vida delas falavam.

Joaquim Fiel.

EU HEI-DE IR AO ALENTEJO

Eu hei-de ir ao Alentejo
Levar meu estro comigo
Para cantar tudo que vejo
Entre as searas de trigo.

E pelas tardes amenas
Cantarei das mondadeiras
As lindas faces morenas
A que lá chamam trigueiras

Verei searas crescidas
Nos longes a ondular
Quando do vento batidas
Semelhando ondas do mar

Verei as loiras espigas
Depois do sol as secar
E um rancho de raparigas
Pegar na foice e ceifar.

Depois de tanta canseira
Fartinhas de trabalhar
Antes do trigo ir p'ra eira
Ainda as hei-de ouvir cantar.

Cantar essas melodias
De tom bem alentejano
Cantai, cantai cotovias
Cantai amor todo o Ano.

Tulio Santos.



COZINHA GARVANENSE

BOLO DE BOLOTA

Apesar da abundância de bolota nesta zona, era-nos desconhecida a sua utilização em culinária. Porém, dada essa mesma abundância, esse fruto foi sempre utilizado ao longo dos tempos como recurso alimentar das populações.

D. Maria Helena

À D. Maria Helena residente em Garvão, na Rua Nova.

A senhora disse-nos que a receita do «Bolo de Bolota» vem dos tempos mais antigos, de quando as pessoas tinham um maior contacto com o campo.

Este bolo mostra-nos, de uma certa forma, como havia uma maior dificuldade financeira, o que não quer dizer que, actualmente, ainda existe esse tipo de dificuldades.

Muito amavelmente, a D. Maria Helena

prontificou-se a dar-nos a receita.

A senhora gentilmente deu-nos 2 receitas de bolo de bolota, mas, diz que qualquer uma delas é maravilhosa.

1º Bolo de Bolota

Ingredientes:

250g de açúcar

4 ovos

1 pires de bolota

1 pires de gila

1 c. (de chá) de farinha

Bate-se muito bem o açúcar com as gemas. Quando o preparado estiver em creme junta-se a bolota, que entretanto foi moída, e a gila, mistura-se tudo. Por fim junta-se a farinha e as claras em castelo. Unta-se a forma com manteiga e vai ao forno.

2º Bolo de Bolota

Ingredientes:

6 gemas

3 claras em castelo

250g de açúcar
250g de amêndoa e bolota moída
1 c. (de chá) de manteiga de vaca
1 c. (de café) de canela

Bate-se muito bem as gemas e o açúcar. Quando o preparado estiver em creme junta-se as amêndoas e as bolotas, a canela e a manteiga de vaca. Bate-se tudo muito bem e por fim mistura-se-lhe as claras previamente batidas em castelo. Unta-se a forma com manteiga e vai ao forno.



PASSATEMPOS

“Réquiem”

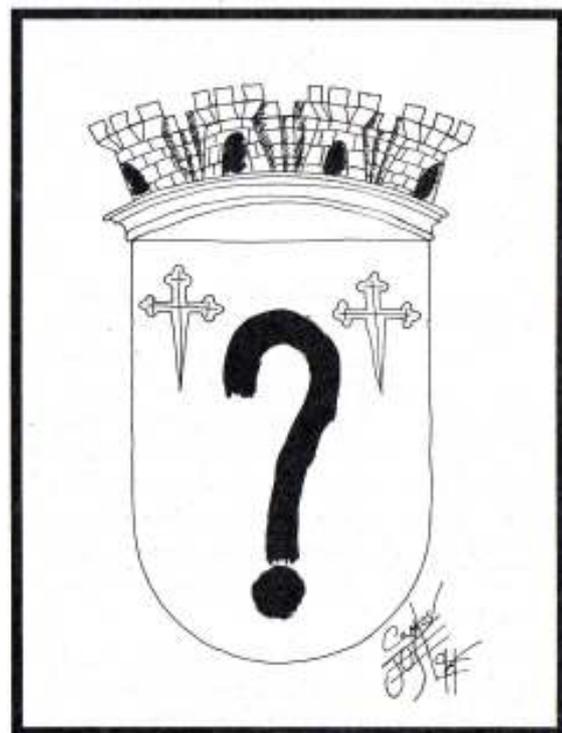
Sob incôscia mão, feroz moto serra
O tronco cortou do sobreiro ancião!
Morreu o sobreiro, o símbolo da terra!
Nasceu a lacuna no nosso Brasão!...

Que insígnia, que lema, poremos agora
No mütulo timbre do nosso Garvão?
A árvore morácea que dá a amora?
Talvez a palmeira? Quiçá um caixão?!...

Ao velho sobreiro, que teve tal sorte,
Choremos a morte que a sorte ditou...
Que a lenha do símbolo aqueça e conforte
A mão negligente de quem o matou!...

R.F. Coentro

Houve qualquer coisa que despolotou a imaginação do Carlos Filipe. Desta vez, o já nosso habitual colaborador, apresenta-nos um desenho sobre Palavras para quê? A imagem fala por si.



MERCEARIA GONÇALVES
DE
AMÉRICO PAULO NUNES GONÇALVES
Largo da Palmeira nº1
Garvão

ANTÓNIO REVEZ GONÇALVES
Negociante de Gados
Farinhas para Gado - Peles
Cereais - Materiais de Construção
Telf. (086) 55151 Largo da Amoreira
Garvão

MARIA DA ASSUNÇÃO VILHENA MESTRE
Roupas - Tecidos - Lãs - Artigos de papelaria
☎ 55 132
RUA 25 DE ABRIL, 6 - GARVÃO



FAMÍLIAS DE GARVÃO COM HISTÓRIA



COSTA - É um apelido muito antigo em Portugal, já há notícia dos Costas no tempo de D. Afonso Henriques, nem todos os de apelido Costa têm a mesma origem, contudo alguns autores pretendem que foi o seu solar de origem a quinta da costa, na Comarca de Guimarães, presume-se que a origem deste apelido esteja relacionado com "costas" como parte física da pessoa, ou a

localização toponímica, daí se encontrar este apelido propagado de norte a sul do país.



GOMES - Pela primeira vez as armas do Gomes vem mencionada em 20-III-1621, provém de Espanha através de Martm Gomes Bravo, fidalgo Galego, que casou com cecilia Cardoso, aia da infanta D. Joana, irmã do rei D. João II. Da descendencia há a destacar, Miguel Gomes Bravo, natural de Aveiro, escudeiro-fidalgo da casa de D. João III, e D. Apolinário de Almeida, patriarca

da Etiopia e bispo de Niceia, e D. Gregório dos Anjos, primeiro bispo do Maranhão e Grão-Pará.



MADEIRA - Ao que parece esta família tomou o nome de São João da Madeira, na Terra da Feira, como é no entender de muitos autores, de qualquer maneira a origem deste apelido e segundo o proprio nome indica, está relacionado com o uso e trabalhos em madeira. Já em 1290 se mencionava um João Martins Madeira, que se julga ter vivido por essa altura, e parece ser irmão de João

Martins Madeira, que se supõe deste serem os descendentes deste apelido.



PIRES - Este nome foi na origem patronimico de Pedro, e é o mesmo que Peres, de origem Espanhola passou um ramo para Portugal logo nos primeiros reinados, a partir do qual se propagou e chegou aos nossos dias, do qual existem várias famílias não se podendo afirmar que sejam do mesmo ramo.



ZUZARTE- Esta família de que não há memoria de terem vivido em Garvão, conserva contudo o nome de um monte da Freguesia de Garvão, o "Monte Zuzarte", ou Monte Zarte como é mais conhecido, diz-se que é uma família originalmente de França ou Inglaterra e de que passou para Portugal no reinado de D. João I, um tal Conde de Liusarte, que veio na

comitiva da Rainha D. Filipa de Lencastre, e que foi pai de Gaspar Zuzarte, que deu origem aos Zuzartes do Alentejo, e de Rodrigo Zuzarte do qual descendem os da região de Coimbra.

- JVS - 96 -

Pelo segundo ano consecutivo, e ao abrigo de um programa do IPJ, os jovens desta terra disseram "presente", á consecução dos seus objectivos. Para que fique registado esses jovens são: Beatriz, Cidália, Ana Brito, Leonor, Elsa, Sónia e Cláudia.



GARVÃO EXPLOSÃO CULTURAL GRUPO CORAL FEMININO "FLORES DE MAIO"

A festa do Grupo Coral Infantil de Garvão dá origem a um grupo coral feminino.

As senhoras não poderiam, de maneira nenhuma, ficar impávidas e serenas perante esta explosão musical que actualmente se vive em Garvão. E vai daí ,na labuta da arrumação e lavagens da festa de aniversário do Grupo Coral Infantil e, no meio daquela azáfama e alegria contagiante que só as senhoras com aquela graciosidade feminina sabem dar, nasceu o Grupo Coral Feminino de Garvão "Flores de Maio".

Era a Lurdes, a Vitórinha e a Laurita a afinarem as cordas vocais e a exprimirem os seus dotes artísticos e porque não formar um Grupo Coral Feminino? E porque não ir actuar à feira de Garvão?

Se bem o pensaram melhor o fizeram.

Dia 9 de Maio à noite lá estará o Grupo Coral Feminino "Flores de Maio", para mostrarem os seus dotes musicais.

E, por isso aconselhamos vivamente que não percam, porque com os dotes artísticos das senhoras que compõem o grupo, vai ser um sucesso ou antes já é um sucesso. Perdermos esta explosão espontânea de alegria musical é perdermos uma boa parte das coisas boas da vida.



Manuel Bartolomeu Romão
ARMAZENISTA DISTRIBUIDOR — BEBIDAS EM GERAL

AGENTE EXCLUSIVO

VINHOS BORBA - PEGÕES - ALMEIRIM
ÁGUAS MINERAIS CASTELO - SÃO LOURENÇO
CARAMULO - VIDAGO - PEDRAS SALGADAS
TRINARANJUS - SCHWEPES

R.ância : Largo da Palmeira — Telef. 55120
Armaz. n: E. N. 123 — Km 47,800 — Tel./ Fax 52848
7670 GARVÃO — OURIQUE

